

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

BELO HORIZONTE (MG-BR) E LILLE (NPC-FR): COMPARAÇÃO DAS PICHações NAS PRAÇAS DA ESTAÇÃO E DE LA NOUVELLE AVENTURE

Erick Vinicius Pereira Lopes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9926>

Submetido em: 2024-09-12

Postado em: 2024-09-20 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

BELO HORIZONTE (MG-BR) E LILLE (NPC-FR): COMPARAÇÃO DAS PICHAGENS NAS PRAÇAS DA ESTAÇÃO E DE LA NOUVELLE AVENTURE

AUTOR/A 1, Erick Vinicius Pereira Lopes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2691-3978>.

[<erick.viniciuspl@gmail.com>](mailto:erick.viniciuspl@gmail.com)

Filiação institucional. Cidade, Estado (sigla do estado), País PUC Minas. Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMO:

O Brasil e a França são países que possuem convergências e divergências variadas, destacando-se as influências das Artes/Culturas de Rua/Urbanas, principalmente a pichação. Esta, além de alterar a paisagem urbana, cria-se lugares, territórios e territorialidades, dando voz (e grafia) aos excluídos, compartilhando os conflitos. Dentre estes contextos, os municípios de Belo Horizonte (MG) e de Lille (NPC), são importantes contribuidores nestas Artes. A comparação deles, principalmente suas praças e pelas culturas de vivenciar lugares, são interessantes pelo fato de serem locais com grandes diversidades culturais, econômicas, humanas e urbanas. Desta forma, propõe-se a analisar as pichações encontradas na Praça da Estação em Belo Horizonte e na Place de la Nouvelle Aventure em Lille, e seus arredores, buscando evidências de semelhanças e diferenças. Com base na Geografia Cultural, na Geografia Urbana e na Socioantropologia Urbana, teve-se o levantamento de dados primários com campos online, comparação e análises. As constatações apontaram para as semelhanças e diferenças no plano cultural e social, demonstrando que apesar de estarem próximos em alguns quesitos, seus contextos e culturas locais dão outros tons e toques às manifestações ali presentes. Tem-se a aproximação de maior destaque nas marcações territoriais e com spray; mas tem-se a diferença para marcações políticas, estilos brasileiros e estado-unidenses, com estênceis e rolinhos. Note-se, assim, que a pichação pode ser considerada como uma removedora de limites (metropolitanos, regionais, nacionais e internacionais), ignorando as suas delimitações territoriais e as jurisdições espaciais das autoridades, mas priorizando as dinâmicas e regras das ruas.

Palavras-chave: artes urbanas, artes de rua, juventudes, espaços públicos, relações.

BELO HORIZONTE (MG-BR) AND LILLE (NPC-FR): COMPARISON OF GRAFFITI IN THE STATION AND LA NOUVELLE AVENTURE SQUARES

ABSTRACT:

Brazil and France are countries that have varied convergences and divergences, highlighting the influences of Arts/Street/Urban Cultures, mainly graffiti. This, in addition to altering the urban landscape, creates places, territories and territorialities, giving voice (and spelling) to the excluded, sharing conflicts. Among these contexts, the municipalities of Belo Horizonte (MG) and of Lille (NPC) are important contributors in these Arts. The comparison of them, especially their squares and by the cultures of experiencing places, is interesting due to the fact that they are places with great cultural, economic, human and urban diversity. In this way, we propose to analyze the graffiti found in Praça da Estação in Belo Horizonte and Place de la Nouvelle Aventure in Lille, and its surroundings, looking for evidence of similarities and differences. Based on Cultural Geography, Urban Geography

and Urban Socioanthropology, primary data was collected with online fields, comparison and analysis. The findings pointed to similarities and differences on a cultural and social level, demonstrating that despite being close in some aspects, their local contexts and cultures give other tones and touches to the manifestations present there. There is the most prominent approach in territorial markings and with spray; but there is a difference on political markings, Brazilian and US styles, with stencils and rolls. It should be noted, therefore, that graffiti can be considered as a removal of limits (metropolitan, regional, national and international), ignoring their territorial delimitations and the spatial jurisdictions of the authorities, but prioritizing the dynamics and rules of the streets.

Keywords: urban arts, street arts, youths, public spaces, relationships.

INTRODUÇÃO

O Brasil (BR), localizado na América do Sul, e a França (FR), situado na Europa, são países que embora estejam em continentes diferentes, sejam distantes (aproximadamente 8.620 km em linha reta) e tenham gêneses e cronologias diversificadas, possuem convergências e divergências variadas. Apesar de ter tentado invadir e tomar posse de regiões brasileiras (o que foi impedido por Portugal), a França não foi capaz de colonizar fisicamente o Brasil (tendo-se colonizado seus vizinhos, como a Guiana Francesa, por exemplo), mas obteve êxito numa espécie de colonização cultural e social. Não roubou os recursos, mas influenciou de sua maneira: a culinária (gastronomia), as culturas (arquitetura, artes, moda, entre outras), o comportamento das elites locais ou não, as manutenções da educação, a filosofia, os modelos de vida social, as referências intelectuais e sociais, e afins; muitas das quais mantêm-se hodiernamente. As relações franco-brasileiras aproximaram-se e materializaram-se também pelos acordos, pelas cooperações, pelos incentivos e pelos projetos governamentais (tornando-se parceiros desde o século XVIII), estreitando os laços (FACHIN; CAVEDON, 2003), e, ocasionando e incentivando os âmbitos culturais e da mistura social.

Dentro das culturas, outro ponto em que ocorreu influências, mas que não são trazidos veemente e há também escassos estudos nas áreas dos saberes, foram as Artes/Culturas de Rua/Urbanas, destacando-se a pichação. A primeira é tudo o que converge para o que esteja relacionado direta ou indiretamente com os espaços da cidade, principalmente os públicos e os seus conglomerados de relações (PEREIRA, 2012). A segunda pode ser toda e qualquer marcação nas paredes, independente do material utilizado, do suporte abordado e da intenção (LOPES, 2023). A França conquistou o patamar de influência global nos mais variados aspectos, porém, neste quesito, perdeu forças para o contexto brasileiro (considerado o mais influente); numa espécie de devolução, como uma forma de resiliência/resistência. A pichação também engloba o aspecto governamental,

mas não no aspecto de relações “benéficas”, mas sim procurando atacar/conflitar com ele desde a sua gênese.

São práticas e ações realizadas predominantemente por jovens das cidades e periféricas de diversas regiões, sendo naturalmente um apelo e uma mescla e espacial, histórica e social (assim como a própria cidade), além de ser uma forma de apropriação cidadina. De tal modo, o que é margem, é marginal, é marginalidade, não são trazidos de forma negativa/pejorativa e sim como positiva/melhorativa; são pessoas que estão às margens das leis, da sociedade, da cidade (em alguns casos, de forma opcional, em outros não), mas que os utilizam como atributos fundamentais. Tem-se, assim, uma forma de luta pela apropriação do espaço, tendo ganhos de localização, de posição, de classes e afins (BOURDIEU, 1997), relacionados com o estigma (que é persistente e multiforme) de sua existência (KESSLER, 2012).

Esta, além de alterar a paisagem urbana (tudo o que as percepções humanas alcançam), cria-se lugares (experiências vividas), territórios (relações de poder) e territorialidades (pertencimento ao anterior), e, dá voz (e grafia) aos excluídos, bem como (com)partilha os conflitos, impactando de forma diferenciada a sociedade, polarizando adeptos, opiniões e habitantes/população em geral (LOPES, 2023). Ela é uma característica inconfundível da paisagem, dinamizando e inspirando-se nos aspectos da cidade, caracterizada por movimentos (alternados, lentos, rápidos), atingindo o caos ordenado (PEREIRA, 2005).

De acordo com Schacter (2013), cada continente e especificamente cada país, possui movimentos das escritas nas paredes de formas diferentes e singulares. No caso da América Latina, podem ser definidas como: arte para e do povo; perpassando por aspectos absurdos, coloridos, espiritualismos, folclores, ícones tradicionais das culturas e/ou religiões locais e regionais, surrealismo; repudiam o impasse, a injustiça, a exclusão e a segregação, os preconceitos, atacam as ordens vigentes, são “agressivos”, possuem frases de ordens e/ou inspiradoras, são icônicos, “selvagens”; utilizam-se de materiais de baixa aquisição e alta rentabilidade, como sprays aerossóis (sprays ou jatos/jets), rolos de pintura/tinta (rolinhos) e tinta látex. Destaca-se o caso brasileiro, com as estéticas da pixação¹ (e suas letras e variáveis²) e do grafite figurativo, dos materiais (rolinho, borrifador de jardinagem -

¹ Pixação é uma forma particular de marcar as paredes, com apelidos, nomes e/ou siglas de jovens e/ou grupos, estilizadas, de forma geralmente ilegível, monocromáticas, que são disputas territoriais individuais ou grupais, sendo um estilo de vida. Essa grafia (específica) é uma forma de separar eles da generalização do grupo da pichação (geral).

² Os praticantes brasileiros utilizam o termo “alfabeto” como o estilo/letra próprio de cada região (principalmente por estados, mas não somente), ou seja, teria-se o “alfabeto” paulista, o carioca, o mineiro etc. Já suas variáveis, seriam as mesclas de pixação e grafite.

denominado de borriafa ou burriafa) e das técnicas de escalada por fora (ato de escalar/subir o prédio pelo lado externo sem nenhum tipo de proteção - sendo semelhante ao *parkour* francês) e jeguerê (ou geguerê, é a escada humana, ato voluntário de auxílio mútuo ao qual uma pessoa sobe nas costas/ombro de outra - duas ou mais pessoas - como técnica de escalada para alcançar maiores altitudes); que desafiaram e lograram êxito na gênese e hegemonia norte-americana e europeia.

Já no que o autor chama de Europa do Norte (Alemanha, França, Inglaterra e Suécia³) podem ser definidas como: abstrata, aspectos políticos, autorreflexivo, “brutal”, conceitual, despreocupada, elegante, formal, impenitente, menosprezo das vigilâncias, militância, “rude”; busca-se desvencilhar dos discursos fixos, sendo conceituado como “conceitualismo do grafite”, rejeita a mercantilização das artes, focam na beleza do ato e não somente do produto; realizada com cartazes, colagens e *stencil* (estêncil - fôrma produzida por retirar uma parte de algum material para restar uma parte vazada ao qual a tinta passa por ela para preenchimento). Destaca-se o caso francês, com as marcações políticas, o uso de estêncil e do *parkour* (desenvolvido na França na década de 1980, é considerado como uma espécie de arte marcial francesa, ao qual permite ao indivíduo ultrapassar de maneira eficiente, rápida e segura quaisquer obstáculos, utilizando capacidades e habilidades do corpo humano, como: pendurar, rolar, saltar, segurar etc.).

Dentre todos estes contextos, os municípios de Belo Horizonte (BH), localizada no estado de Minas Gerais (MG), no país Brasil (BR) e de Lille (Ll), situada na Região de Nord-Pas de Calais (NPC), nos país França (FR), e seus arredores (principalmente suas Regiões Metropolitanas – RMs), são importantes contribuidores nas Artes de Rua e também em outros aspectos dos países, com suas semelhanças/diferenças culturais/espaciais/sociais. Desta forma, para reforçar tais aspectos, aqui propõe-se a analisar as pichações encontradas na Praça da Estação em Belo Horizonte e na Place de la Nouvelle Aventure (Praça da Nova Aventura, conhecida como Place du Marché de Wazemmes/Praça do Mercado de Wazemmes) em Lille, e seus arredores, sendo importantes locais de convivência e mistura das diferenças e usos sociais, além de serem alvos de políticas culturais, diversidade social e renovação urbana, buscando evidências de semelhanças e diferenças; são considerados espaços intermediários espacial e socialmente (BOSREDON *et al.*, 2021).

³ Ou seja, é uma parte da regionalização denominada de Europa Ocidental, que contém 10 países: Alemanha, Áustria, Bélgica, França, Irlanda, Liechtenstein, Luxemburgo, Países Baixos, Reino Unido e Suíça; e também, parte da Europa Setentrional, com 8 países: Dinamarca, Estônia, Finlândia, Islândia, Letônia, Lituânia, Noruega e Suécia.

A comparação de tais regiões (Minas Gerais e Nord-Pas de Calais) são interessantes pelo fato de serem locais com grandes diversidades e misturas humanas, urbanas e econômicas, bem como com forte presença das desigualdades (BOSREDON *et al.*, 2018). Além disso, ambos municípios (Belo Horizonte e Lille) compartilham de tais aspectos, bem como do passado em que a industrialização precedeu e subjugou a urbanização e a metropolização (BOSREDON *et al.*, 2021).

Tem-se também que as praças no geral estão presentes na história das cidades desde as suas criações, que se confundem. São mais do que um espaço físico aberto, relacionam-se com a cultura de vivenciar os espaços das cidades, e possuem em seu cerne: acontecimentos e histórias das vidas públicas e privadas, profanas e mundanas, ricas e pobres; são acessíveis para população, mas não para veículos (não ao seu redor); democráticas, de lazer, livres, para cidadãos e cidadanias, públicas; são locais de celebração, convivência, encontros, espaço de experiências e relativamente de permanências, de vivências, sociáveis; são locais das diferenças e das semelhanças, de mescla de grupos sociais e usos diversificados; são a integração. Apesar de que atualmente grande parte seja apenas locais de áreas verdes e de estéticas e de menor convívio, ainda mantêm suas importâncias (PIPPI; LAUTERT, 2019). Os locais partilhados são da diversidade social, das identidades coletivas, das solidariedades: questão central pela utilização dos lugares (BOSREDON *et al.*, 2021).

Outra questão é o fato do apontamento por alguns autores de que há cada vez mais uma morte do espaço público, não sendo utilizado e/ou sendo privatizado. Assim, aqui demonstra-se a sua vivência a partir dos contra-usos (usos aquém da normalidade) (ANDRADE; BAPTISTA, 2015).

Some-se a isso que a pichação é uma arte naturalmente pública, contestatória, de ataque aos sistemas, de vivências e de pedidos e clamados ao direito das cidades, semelhante aos usos que podem ocorrer nas praças. Porém, as marcações nas praças são ambíguas: por um lado, são áreas valorizadas, pois ali têm-se a dificuldade de marcar pela constante movimentação em determinados horários e em alguns casos, com grande vigilância; de outro lado, algumas não possuem visibilidades e nem grandes continuidades de construtos que possam ter diversas marcações ou marcações de tamanhos normais (geralmente médio), diminuindo o interesse e a realização. Deste modo, destacar tais aspectos é primordial.

A metodologia utilizada se baseia na Geografia Cultural, com sua conexão entre identidade, reconhecimento, significado e os lugares/territorialidades de sua atribuição (CLAVAL, 1999); na Geografia Urbana, a partir do comportamento das localidades dos eventos nas dimensões urbanas (CLARK, 1991); e na Socioantropologia Urbana, das relações nos espaços urbanos (LIMA; FAZZI,

2016). Tem-se o uso do método dedutivo (partindo de generalização para particularidades), abordagem quali-quantitativa, e os procedimentos metodológicos de leitura bibliográfica, levantamento de dados primários e comparação.

O levantamento de dados e suas comparações/análises seguiram a metodologia emanada por Diniz e outros (2015; 2017; 2019; 2024), à qual foi atualizada por Lopes (2022; 2023), que consiste em: definição do recorte espacial a ser estudado (as duas praças); roteiros a serem seguidos nos trabalhos de campo digital (percorrer todo o entorno das praças), coletados com auxílio da plataforma Google Maps®, utilizando o “Street View”, sendo referidos ao ano de 2022; realização de capturas de tela (prints) a partir do aplicativo “Ferramentas de Captura” de cada marcação encontrada; preenchimento de banco de dados alfanumérico com base no formulário de observação, composto das variáveis de natureza da marcação (disputa de indivíduos/grupos, políticas, aleatórias/outras), material utilizado (spray, rolinho, borrifa, canetão, *sticker*), se acompanhada de grupos ou não e em caso positivo o nome do grupo e sua localidade, que orientaram o processo de catalogação e caracterização das pichações; foram geradas análises estatísticas descritivas e frequências simples a partir do Microsoft Excel®; os dados referentes às coordenadas geográficas foram importados em ambiente QGIS®; e, por fim, mapas pontuais do local dos construtos pichados (pontos) e polígonos (das quadras das praças) foram gerados, de modo a identificar a distribuição espacial das pichações e da ação dos pichadores. Tal constatação baseia-se nos registros preferenciais de localização, mostrando a tendência de ocupação dos pichadores, que não é aleatória.

Procura-se, assim, entender a dimensão da convivência das diferenças e da mistura social, a partir de seus aspectos culturais nas paredes, que ocorrem em movimento e entre os lugares.

1. ARTES, CULTURAS, JUVENTUDES E ESPAÇO PÚBLICO

As Artes/Culturas de Rua/Urbanas são uma manifestação efêmera, de incômodos, onipresente e onipotente, de resistência, ubíqua, volátil, ao qual reúne uma gama imensa de diversidade de gêneros artísticos (sendo que algum destes causam polêmicas e discussões em suas formas de existência), como: o baixo-relevo, o cartaz, o circo, a escultura, a estátua viva, o grafite, o mosaico, o mural, a música, a performance, a pich(x)ação, a pintura, o teatro, dentre outras formas de expressões, manifestações e necessidades humanas e culturais. Divergem das amarras, mas convergem para a liberdade e ocupação.

Dentre elas, devido às formas de atuação mais contestatórias e por ter como alvo propriedades alheias, a pichação, principalmente sua variável pixação, é considerada a mais polêmica. Apesar de ter indícios e ser comparada com as pinturas rupestres da pré-história e outras marcas ao longo dos anos (na Idade Antiga e Média), é somente a partir da Idade Moderna (principalmente com o advento do Renascimento) que inicia seu caráter de incômodo mais veemente. Na idade contemporânea, tem seus maiores contributos provenientes dos Estados Unidos da América (EUA) (marcações de indivíduos e/ou grupos) e da França (marcações políticas), como demonstrado em trabalhos anteriores (LOPES, 2023).

Atualmente, a pichação é encontrada significativamente nos muros e prédios dos centros urbanos, sendo realizada manualmente (tendo a relação de manuseio e contato de um artífice) e sobretudo de forma não autorizada em edificações públicas e privadas, apresentando-se como uma estética marginal, no sentido como à margem da sociedade e das leis, e, não em seu sentido preconceituoso e perverso, como trazidos pelos estereótipos e estigmas (KESSLER, 2012). Estas intervenções são realizadas predominantemente por pessoas das *urbes*, jovens das periferias das grandes cidades, geralmente homens⁴, trabalhadores e estudantes das diversas áreas e classes (principalmente socioeconomicamente mais baixas)⁵, sendo como uma forma de apropriação simbólica e abstrata.

Eles produzem seus lugares/territorialidades em movimento e sob múltiplas influências das culturas. Vivem entre locais e culturas, ativam diversos destes e todos eles contribuem na formação e na experiência de seus lugares, territorialidades e identidades, conversando com a fluidez da modernidade (MARANDOLA JR.; GALLO, 2010). A paisagem citadina desperta suas atenções e os convidam para escreverem e marcarem a expansão de seus lugares (além de pontos nos espaços, são locais que possuem relações de sentimentos altamente viscerais, sendo positivos – topofilia – ou negativos – topofobia –, que relacionam-se nas interseções e nas experiências mutuamente construídas) e territorialidades (ações humanas no sentido da tentativa e/ou realização de pessoas e/ou grupos afetarem, controlarem e influenciarem ações, indivíduos, objetivos, relações e vivências,

⁴ Em uma sociedade com grandes desigualdades de gêneros, as mulheres possuem vulnerabilidades maiores e não ocupam o espaço urbano de forma íntegra. Há uma dificuldade das ações femininas, ao andarem nos períodos noturnos ou ao estarem pichando, pois os homens utilizam de inúmeras violências para reprimi-las (LOPES, 2023).

⁵ Os homens pichadores, principalmente advindos dos bairros considerados mais problemáticos, utilizam do estigma como reforço positivo, sendo considerados durões, machos, inculcando medo ou respeito; já para as mulheres, o aspecto é negativo, sendo consideradas fáceis, frágeis, semelhança com homens e afins (KESSLER, 2012).

dentro de uma área delimitada, apropriada ou dominada, fisicamente e/ou simbolicamente) (SAQUET; SPOSITO, 2008; TUAN, 2018).

O termo juventude aplicado a eles possui complexidades, sendo uma construção biológica, ideológica e social, pois é tratado como fase transitória (as ações têm sentido no futuro e em se tornar adulto, é um “vir a ser”), idade (faixa etária), estágio de vida ou espírito (fase de disposição), momento de crise (conflito de autoestima, de identidade, de personalidade) ou romantizada (tempo de comportamentos exóticos, de Hedonismo, de irresponsabilidades, de liberdades, de prazeres). Além disso, jovem muitas vezes é tido apenas do aspecto das expressões culturais (nas atividades culturais e/ou finais de semana), de divisão de poderes (separação de quem é jovem - falta de experiência - e quem é velho - mais sábio) ou negativo (da falta), mas na verdade é detentor de uma dialética complexa, do ponto de vista das potencialidades, das possibilidades, dos direitos, das agências e todas suas vivências; são indivíduos completos, que criam e recriam interpretações e significados do que lhes são vivenciados (DAYRELL, 2003; BOURDIEU, 2019). “Acreditamos que é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém” (DAYRELL, 2003, p. 43-44).

Como estão em uma pluralidade de contatos, grupos e redes, são impactados por outra gama de meios (comunicação, consumo, educacional, internet, política e afins). Os grupos em que mantêm os contatos são essenciais para as suas práticas, pois para as pessoas de classes mais baixas e as juventudes, e as consequentes relações e redes, são a forma de reunião contra o sistema (ANDRADE; SILVEIRA, 2013). Suas ações acontecem em quaisquer e todos os espaços, mas foca-se aqui o espaço público, por naturalmente ser permeado de contatos. Seus usos e movimentos nos espaços públicos também possuem conotações diferenciadas, adquirindo formas diversas entre a contracultura, o marginal e/ou o radical. Eles constroem, interpretam e sentem de forma diferenciada as cidades. A materialização e imaterialização destas diversidades se dão a partir das utilizações dos/nos espaços públicos.

O espaço público, é um espaço naturalmente caótico (com cores, gêneros, classes e etnias diferentes), tendo uma subversão de símbolos considerados tradicionais. Tais espaços possuem o aspecto dos seus usos atrelados à relativa imprevisibilidade das interações e dos seus contra-usos, fatos que atestam sua efervescência e visibilidade, e, continuidade, diferente das pesquisas que apontam a sua morte (ANDRADE; BAPTISTA, 2015).

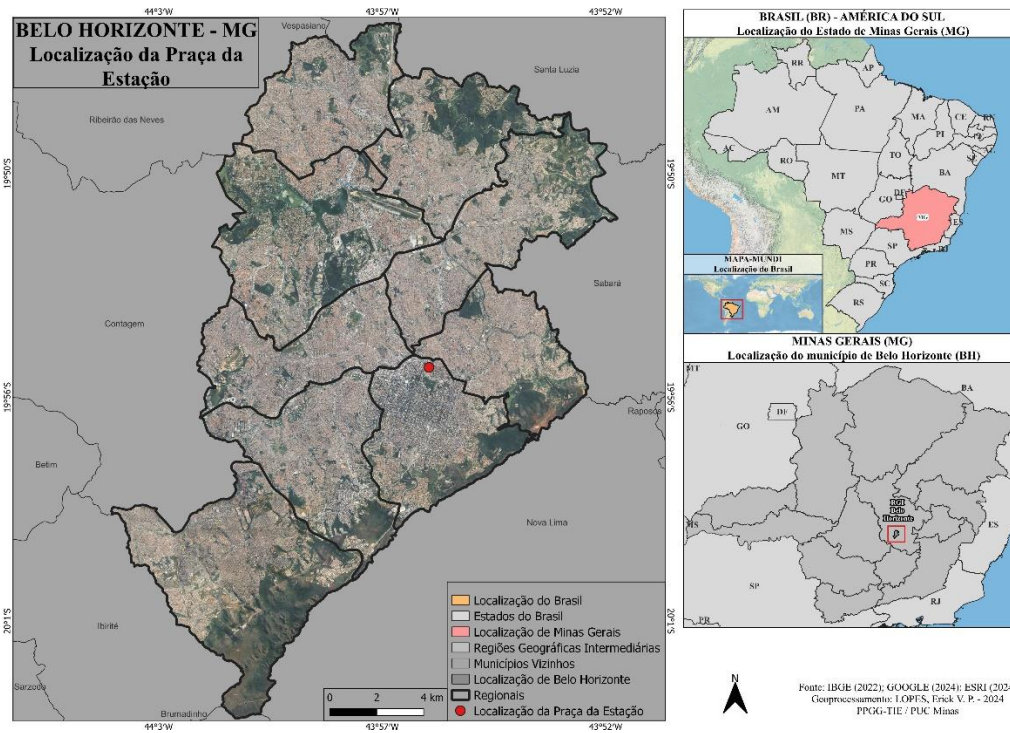
Relacionando-se a pichação, note-se que ao mesmo tempo que ela produz a cidade (faz parte dos compostos e paisagens urbanos, além de ser uma das justificativas que pautam a motriz da arquitetura hostil, de algumas das mobilidades e afins), também é produzida pela cidade (as desigualdades e mazelas, além da falta de significância, são motrizes em sua perpetuação). Além disso, os pichadores trazem diferentes cores, formas e vidas aos espaços públicos, ao utilizarem da sua maneira, pois possuem diferentes definições de públicos. Para eles, tudo o que está na “rua” é público, logo, a parte dos muros dos construtos e outras que tem a “frente” virada/posicionada para a rua também é pública, ao passo de que os moradores/utilizadores não possuem o direito de reclamar quando ali é marcado (LOPES, 2023). Outra questão, é a visibilidade ambígua registrada por eles. Como as interações nas grandes cidades possuem excessos de estímulos, há um certo conhecimento/anonimato (SIMMEL, 2005). Assim, por mais que sempre busquem a visibilidade, suas práticas de marcações são realizadas no anonimato (não se sabe quem são, não se vem fazendo), são visíveis-invisíveis; fazendo frente e vez, dando a voz, o grito (e a grafia) dos/aos excluídos (LOPES; DINIZ, 2022). É uma guerra silenciosa, mas ativamente escrita, representando processos e contradições. Entretanto, é desta forma que deixam de ser uma simples pessoa (que pode ser esquecida e/ou excluída) para ser um vangloriado perante aos seus semelhantes, um causador no imaginário popular e nas mídias.

Assim, note-se o complemento e a interação dos aspectos geográficos e sociais, ao respaldarem-se nos espaços públicos para fazer valer a voz e os direitos dos manifestantes jovens.

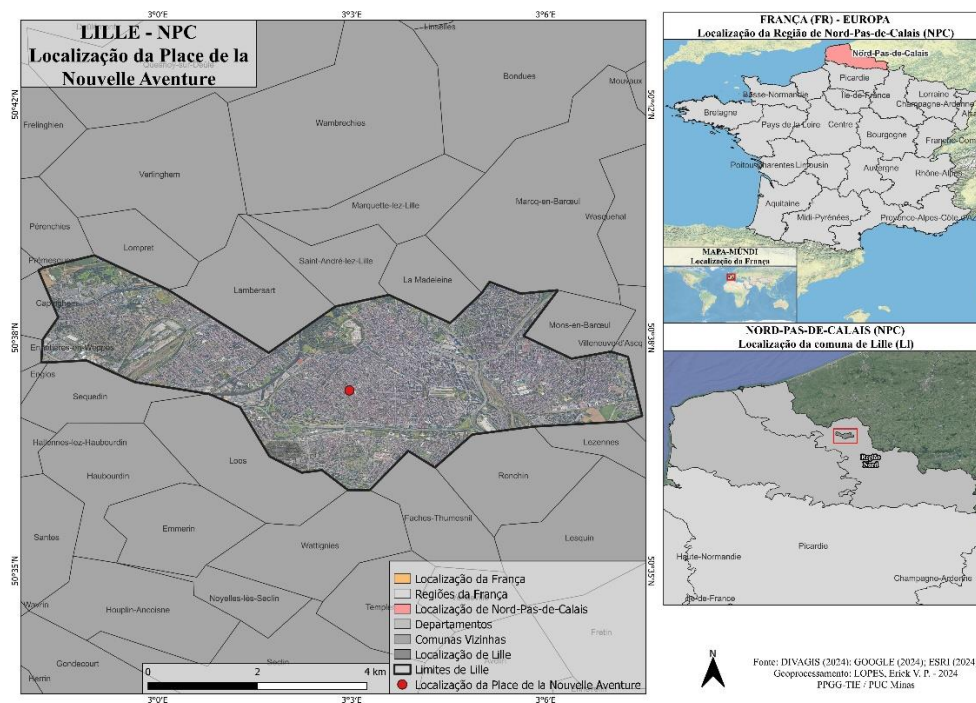
2. A PICHÇÃO ENQUANTO RESPALDO DE BELO HORIZONTE E LILLE

Sobre uma parte da composição social, em 2021, com uma área de 331,4 mil km² (3,8% do país), Belo Horizonte (mapa 1) abrangeu-se uma população de 2,7 milhões de pessoas (sexta no país, mesclando 1,2% da população) e um PIB de 194,8 bilhões de dólares americanos (quarta no país, aglutinando 0,01% do PIB). Já Lille (mapa 2), com uma área de 34,8 km² (0,005% do país), teve-se uma população aproximada de 240 mil pessoas (décima no país, congregando 0,35% da população) e um Produto Interno Bruto (PIB) de 48 bilhões de dólares americanos (décima no país, agregando 1,62% do PIB).

Mapa 1 – Localização da Praça da Estação em Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil



Mapa 2 – Localização da Place de la Nouvelle Aventure em Lille, Nord-Pas-de-Calais – França



Fonte: IBGE (2022); GOOGLE (2024); ESRI (2024).

No quesito sociocultural, a gênese e a história da pichação convergem-se e divergem-se. Ambas as raízes das marcações estão atreladas às primeiras escritas que foram as pinturas rupestres, sendo que as mais antigas latino-americanas são brasileiras (com datação com cerca de 25 mil anos) e as mais antigas europeias são francesas (com cerca de 35 mil anos). Para além das pinturas rupestres nos países, com o passar dos anos surgem algumas pequenas marcas desprezíveis, ínfimas e tímidas, que aparecem em partes longínquas e sem conexão.

As marcações tomam conta de forma sistemática das paredes, dos muros, dos mobiliários e imobiliários urbanos a partir do século XX, com base de matrizes em comum, que podem ser divididas em três subgrupos, segundo Ferreira (2019): (1) políticas (contestatória), definida por formas de protesto contra o sistema, ordem vigentes e hegemônicas e insatisfações, mensagens claras, de ordem, estruturadas, contestatórias, explícitas para todas as pessoas, ressalta-se que o nome ou apelido não são colocados, evitando a repressão e a identificação; (2) aleatória/humorística (diversão), tem características de marcações aleatórias (sem identificação da motivação) ou apolíticas, com frases debochadas, engraçadas, humorísticas, irônicas, músicas, paródias, poéticas, subjetivas, trechos de algo, versos curtos e diversas expressões, possuem códigos nas mensagens a serem decifrados, tendo como foco o imaginário popular, aguçando a imaginação coletiva e individual, provocando curiosidades, mistérios, reações positivas, negativas, indiferentes e outras; e (3) disputa territorial de indivíduos e grupos (competição/social/lugares/territórios/territorialidades), com bases em comunicação complexa e simbólica, e, como uma conquista pelos espaços das cidades, surgem os apelidos/nomes/siglas grafados e disputados, é a reunião da disposição juvenil contra o sistema, sendo um mecanismo comum de organização e reunião de jovens periféricos contra a metrópole.

No Brasil, o primeiro grupo desenvolve-se a partir da década de 1960, principalmente no final da década, em decorrência da Ditadura Militar (1964-1985), inspirados pela França; prevalentemente feita com tinta spray. O segundo, avoluma-se na década de 1970, como uma espécie de transição; feita com spray, mas também de outros materiais singelos, como marcadores (canetões), giz de cera, pedaços de materiais que facilmente desagregam (argila, tijolo) e cortantes (pontagudos). O terceiro, amplia-se a partir da década de 1980, influenciados pelos EUA, tendo a criação de letras e técnicas

específicas brasileiras, mundialmente reconhecidas e utilizadas, como o alfabeto paulista (1980)⁶ e as técnicas de escalada por fora e do jeguerê (tendo ampla presença no território francês); utiliza-se outros materiais além do spray, como rolinho, borrifa e atualmente, extintor de incêndio e *stick* (ou *sticker*, significa adesivo, sendo composto por um material que fixa em partes diversas e tem-se resistência a suas separações: são adesivos personalizados).

Já na França, o primeiro e o segundo grupo ocorrem concomitantemente, embora o primeiro tenha outras relações. A partir da década de 1920, os contraculturalistas franceses iniciam as marcações com a criação de mensagens aleatórias e menos elaboradas, mas que evoluem para fortes cargas sociopolíticas e ideológicas (PEREIRA, 2005); utilizando predominantemente o spray. Apesar de ter diminuído sua utilização, esta volta em alta na década de 1960, com a Revolta Estudantil de Paris de 1968, conhecido como Maio de 68, ecoando movimentos revolucionários e revoltas culturais como um todo, principalmente as lutas sócio-culturais-políticas: os estudantes contra-atacam toda a ordem vigente imposta pelo Estado. Porém, desta vez, utilizam com maior peso os estênceis (maior rapidez e facilidade de marcação); o que influenciou o mundo todo, como o Brasil. Já o terceiro grupo, ocorre na década de 1970, e como foram influenciados também pelos EUA, utilizam veemente o estilo proveniente de tal país⁷.

Destaca-se os contextos diferentes, embora haja certas semelhanças, como: o tipo (maior de marcação em ambos); os materiais (maior de spray e rolinho no Brasil e maior de estêncil e spray na França); as localidades (no Brasil foca-se em áreas centrais e subúrbios; focam-se em áreas centrais, mas na França tem maior destaque em bairros industriais, zonas fabris e subúrbios); a participação (no Brasil os praticantes continuam os mesmos, há poucos casos de alistamentos e disposições efêmeros, quando há manifestações; na França em determinados e importantes momentos da história local, têm massiva participação de pessoas não praticantes, mas que participam temporariamente); as manifestações (no Brasil a população manifesta-se menos, tendo tais intervenções assumido o papel de manifestação; na França o povo manifesta-se nas ruas com maiores frequências e as marcações são uma das estratégias utilizadas); as sobreposições (no Brasil, chamado de “atropelo”, sobrepor uma marcação já realizada é um fato impensável, pois relaciona-se ao ato de atrapalhar e desvalorizar uma

⁶ Conhecida também como pixação paulistana, paulistão ou tag reto, possui característica de ser um estilo próximo do alfabeto rúnico e do árabe-gótico (árabe – entrelaçamentos com cifras, bordados, heras; gótico – signos convexos e côncavos, de ângulos agudos). Sua proeminência são marcas grandes realizadas uma única vez.

⁷ A pixação que surgiu dos EUA é peculiar e o resto do mundo acabou adotando-a, tendo uma aceitação/aparição menor no Brasil. As inscrições assemelham-se a assinaturas, geralmente *rubrics* (rubricas) ou *autographs* (autógrafos), sendo influenciados pela forma de carimbagem (repetição) que os praticantes possuem (PEREIRA, 2005).

marcação, que é tida como a extensão e disposição do autor⁸; na França as marcações sobrepõem-se normalmente e sem nenhum problema) (SCHACTER, 2013).

2.1 O caso das Praças da Estação e de la Nouvelle Aventure

Inicialmente, trazendo-se os aspectos anteriores da história da pichação para as áreas de estudo, sobre uma parte da vida urbana e da mistura social, com seu foco em suas sedes metropolitanas (Belo Horizonte e Lille), nota-se a continuação de tais contribuições. No primeiro momento, os primeiros indícios de marcações ocorrem nas sedes metropolitanas, seguindo igualmente as grandes divisões do histórico das pichações nos países como um todo. Aos quais, nos anos seguintes, propagaram-se para as periferias e para as respectivas RMs, utilizando-se e aproveitando-se principalmente dos tentáculos do urbano, com seus canais de comunicação dos grandes eixos/corredores viários de ligação/acesso (PEREIRA, 2005; SCHACTER, 2013; LOPES; DINIZ, 2022). Demonstrando-se, assim, mesclas sociais de diferentes grupos e localidades, que dissipam as manifestações: há uma metropolização da pichação (LOPES, 2023).

No segundo momento, atualmente, em Belo Horizonte, a Praça da Estação (mapa 3), localizada no bairro Centro (no limite com o bairro pericentral Floresta), tendo como limites a Av. dos Andradas, as R. Guaicurus e Caetés, o Museu de Artes e Ofício e a Estação Central do Metrô, tendo-se uma extensão de cerca de 11,5 mil m² no total, tem-se 330 pichações (53,0% na Praça e 47,0% aos seus arredores), com 64,2% de marcações de disputa territorial de indivíduos/grupos e 22,4% de política; 55,2% de utilização de spray, 35,8% de sticker e 0,3% de rolinho; com 40,9% no estilo mineiro e 26,4% no estilo outros (letras “normais” - utilizadas geralmente nas marcações políticas); com 0,6% de sobreposições; e, 3,0% de presença de grupos; tendo-se praticantes/grupos de outras localidades belo-horizontinas como as regionais Barreiro, Oeste e Venda Nova e, também, dos municípios de Contagem e Ribeirão das Neves (locais em que a Estação Central de Metrô e do Move interligam). Destaca-se que as pichações encontram-se sobretudo na porção sul da Praça, justamente por ser o local de passagem dos transeuntes para a Estação Central de Metrô e de Move (sistema de ônibus).

⁸ Além destes, o ato de “cortar” ou “queimar” (atravessar ao meio de fora a fora ou com sinal de “X” na marcação de outro autor), “quebra” ou “quebrar” (marcar na parte mais alta ou acima de alguma pichação já realizada), insulto ou contra-pichação também são impensáveis. Na França, o “atropelo” é visto como algo natural.

Em Lille, na Place de la Nouvelle Aventure (mapa 4), localizada no bairro pericentral de Wazemmes, tendo como limites as R. Place Nouvelle Aventure, Léon Gambetta, des Serrazins e Parv. de Croix, com a extensão de cerca de 2,3 mil m², tem-se 236 pichações (88,6% na Praça e 11,4% aos seus arredores), com 99,2% de marcações de indivíduos e grupos por disputas territoriais e 0,8% políticas; 65,3% com uso de canetões, 30,8% de spray e 2,4% de estêncil; 84,3% no estilo dos EUA e 5,0% de grafite; com 3,8% de sobreposições; e, 8,5% com presenças de grupos; tendo-se também praticantes e grupos de outras localidades, como os bairros de Croix, Fives e Lambersart, além de terem alfabetos e grupos brasileiros (principalmente paulistas e mineiros). Ressalva-se que as pichações se encontram mais presentes na porção sudoeste/leste da Praça, pela maior presença de estabelecimentos e movimentos de pessoas.

Mapa 3 – Distribuição das pichações na Praça da Estação em 2022



Fonte: GOOGLE (2022); PBH (2024).

Mapa 4 – Distribuição das pichações na Place de la Nouvelle Aventure em 2022



Fonte: GOOGLE (2022).

Tem-se assim, dois locais com suas vivências permeadas por ações diversas, próximas ou longínquas, mas que fortalecem as comparações trazidas. É digno de nota, que apoiando os trabalhos de Andrade e Baptista (2015) sobre o fato de não haver a morte do espaço público e sim modificações em suas utilizações, a Praça da Estação é um exemplo. Por ser alvo direto e indireto de uma análise sistemática empreendida desde 2011 por Diniz e outros (2015; 2017; 2019; 2024), Ferreira (2019), Lopes (2020; 2023) e Lopes e Diniz (2022), tem-se que ela não era alvo nos primeiros anos, mas com o passar dos tempos foi tornando-se cada vez mais marcada, principalmente após a pandemia do Corona Virus Disease de 2019 (COVID-19). No caso de Lille, não foi possível tal levantamento, mas acredita-se em possibilidades semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os municípios e seus espaços são vivenciados por diferentes grupos, de diferentes idades, mas que possuem especificidades nas suas utilizações. Mesmo em contextos diferentes, a vida continua a ocorrer, aos seus moldes. No caso da pichação, prática efêmera, a rotatividade de vivências torna-se constante, tendo trocas entre diversos locais.

Por mais que se tenha algumas dificuldades na identificação dos praticantes e suas localidades, alguns puderam ser levantados, trazendo contribuições das mesclas e usos das áreas. Tais constatações apontam para as semelhanças e diferenças no plano cultural e social, demonstrando como que apesar de tanto os países, as regiões, os municípios e as praças estarem próximos em alguns quesitos, seus contextos e culturas locais dão outros tons e toques às manifestações ali presentes. Tem-se a aproximação de maior destaque nas marcações territoriais e com spray; mas tem-se a diferença para marcações políticas, estilos brasileiros e estado-unidenses, com estênceis e rolinhos. Na Praça da Estação, local utilizado como manifestação e utilização das variadas Culturas de Rua (BOSREDON *et al.*, 2021), o destaque político é mais evidente. Há, desta forma, uma padronização das artes que busca a maior disputa entre os praticantes e a interferência dos contextos (principalmente os conturbados, que inflamam mais as escritas parietais), mas também se tem a presença da convivência/diferença/mistura/mescla social, dando novas características.

Note-se, assim, que a pichação pode ser considerada como uma removedora de limites (metropolitanos, regionais, nacionais e internacionais), ignorando as suas delimitações territoriais e as jurisdições espaciais das autoridades, mas priorizando as dinâmicas e regras das ruas. Ou seja, o que importa é o que eles construíram coletivamente (local, regional, nacional e internacional). Eles têm uma forma muito particular de viver a cidade: andam, experimentam e vivenciam a cidade; convivem e diferem de modo cultural e socialmente, mesmo sem o apoio das ações governamentais fortemente utilizadas em ambas as praças estudadas (BOSREDON *et al.*, 2021), mas fracamente auxiliando grupos que são considerados marginalizados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. T. de; BAPTISTA, L. V. Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos. **Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. XXIX, p. 129-146, 2015. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13341.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2024.

ANDRADE, L. T.; SILVEIRA, L. S. Efeito-território: explorações em torno de um conceito sociológico. **Civitas – Revista De Ciências Sociais**, v. 13, n. 2, p. 381-402, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/14295>. Acesso em: 21 maio 2024.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. The World Bank, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 25 out. 2022.

BOSREDON *et al.* Partager Pour S'Enrichir? Melagens Humains, Dicersite Sociale et Culture a Lille et a Belo Horizonte. *In:* BOSREDON *et al* (Coords.). **Ressources, Inegalites et Biens Communs: Richesses en Partage au Bresil (Minas Gerais) et en France (Nord et Pas-de-Calais).** Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2018. p. 315 p.

BOSREDON *et al.* Projet urbain, action culturelle et mixité sociale à partir de la comparaison de deux places: la Praça da Estação à Belo Horizonte et la place du marché de Wazemmes à Lille. *In:* BOSREDON, P.; DUMONT, F. (Dir.). **Projet en partage, partage sous projet: Les dimensions sociales et territoriales du projet.** Bruxelles: Peter Lang, 2021. p. 47-78.

BOURDIEU, P. Efeitos do Lugar. *In:* BOURDIEU, P. (Org.). **A Miséria do Mundo.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997. p. 157-160.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2019. 272 p.

CLARK, D. O campo da Geografia Urbana. *In:* CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana.** Tradução de Lúcia H. de O. Gerardi; Silvana M. Pintuadi. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p.17-35.

CLAVAL, P. C. C. **Geografia Cultural.** Florianópolis, EDUSC, 1999. 456 p.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, Dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2024.

DINIZ, A. M. A.; FERREIRA, R. G. B.; ALCÂNTARA, S. A. Pichação, paisagem e território no Hipercentro de Belo Horizonte. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 22, n. 30, p. 85-104, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/P.2316-1752.2015v22n30p84>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DINIZ, A. M. A.; FERREIRA, R. G. B.; LACERDA, A. G. Territórios renitentes: os efeitos das políticas repressivas à pichação em Belo Horizonte (2011-2015). **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 27, n. 50, p. 589-616, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2017v27n50p589>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DINIZ, A. M. A.; FERREIRA, R. G. B.; LACERDA, A. G. Territórios Verticais: Grafismos Urbanos no Hipercentro de Belo Horizonte. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 71, p. 85-103, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45174>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DINIZ, A. M. A.; RIBEIRO, L. M. L.; LOPES, E. V. P.; LIBÓRIO, M. P. Pandemic, Routine Activities, and Graffiti in Belo Horizonte: Has Social Isolation Led to City Saturation?. **The Professional Geographer**, [S. l.], v. 0, n. 0, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00330124.2024.2355185>. Acesso em: 1 jul. 2024.

FACHIN, R. C.; CAVEDON, N. R. Em busca da especificidade da influência francesa na análise organizacional no Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, FGV, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-13, agosto 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/558D69RTM66bTDBJMYFcLh/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

FERREIRA, R. G. B. **Pixação e percepção geográfica no Hipercentro de Belo Horizonte**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_FerreiraRG_1.pdf. Acesso em: 29 jun. 2024.

KESSLER, G. Las consecuencias de la estigmatización territorial. Reflexiones a partir de un caso particular. **Espacios en Blanco**, [S. l.], Serie indagaciones, n. 22, p.165-197, Junio 2012.

LIMA, J. A. de; FAZZI, R. de C. A SOCIO-ANTROPOLOGIA URBANA: da Sociologia Urbana ao estudo da cidade definida como um mundo de relações. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 48, p. 163-181, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/11511>. Acesso em: 4 set. 2024.

LOPES, E. V. P. **A METROPOLIZAÇÃO DA PICHANÇA**: evidências de Contagem e Ribeirão das Neves. 2020. Monografia (Graduação em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000076/000076e4.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

LOPES, E. V. P. **A METROPOLIZAÇÃO DA PICHANÇA**: evidências a partir dos eixos e corredores de ligação intrametropolitano. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (PPGG-TIE), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000076/000076e4.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

LOPES, E. V. P.; DINIZ, A. M. A. Pichações Metropolitanas: o comportamento espacial dos grupos de pichadores na RMBH-MG. **E-metropolis**, Rio de Janeiro, a. 13, n. 49, 2022. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/379/original/emetropolis49_art2.pdf?1669125341. Acesso em: 20 maio 2024.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; GALLO, P. M. D. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. Disponível em: https://rebep.org.br/revista/article/view/108/pdf_102. Acesso em: 13 jun. 2024.

PEREIRA, A. B. **De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54039116-De-rolê-pela-cidade-os-pixadores-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 23 jun. 2024.

PEREIRA, M. S. O. **Prática de ensino supervisionada: arte urbana, um recurso no ensino, educação visual, 7º ano. Relatório de Estágio (Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012**. Disponível em: <http://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1576>. Acesso em: 1 de fev. 2024

PIPPI, L. G. A.; LAUTERT, A. R. Praças como espaços públicos relevantes: aspectos pertinentes ao projeto. **Revista Projetar**, [S. l.], v. 4, n. 1, abril de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufm.br/revprojetar/article/view/16796>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNES, 2008. 368 p.

SCHACTER, R. **The world atlas of street art and graffiti**. Sydney: Newsouth, 2013. 400 p.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **MANA**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

TUAN, Y.-F. Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150>. Acesso em: 25 jul. 2024.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:

Todo o processo foi realizado pelo autor.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

O autor declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIA DOS AUTORES DO PAPER

Graduado (Bacharelado e Licenciatura) em Geografia, Especialista em Geoprocessamento e Análise Espacial, Mestre em Geografia e Doutorando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Também é docente do IEC e da Virtual desta instituição.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.